

SUBPROJETO O TEATRO DE GRUPO E A BUSCA DO PÚBLICO: REFLEXÕES  
SOBRE A PROPOSIÇÃO E ESTRATÉGIAS DO TEATRO DE GRUPO EM  
RELAÇÃO A SEU PÚBLICO<sup>1</sup>

André L.A.N. Carreira<sup>2</sup>, Adriana Patrícia dos Santos<sup>3</sup>

Palavras-chave: Teatro de Grupo, Espectador, Teatro e Sociedade.

Resumo: Este texto se trata de um relato da minha trajetória dentro do grupo de pesquisa desde julho do ano corrente. Bem como aponta minhas reflexões acerca de meu trabalho de conclusão de curso que está sendo redigido neste semestre. O objetivo seria trazer a tona discussões sobre que estratégias o teatro de grupo se predispõem para o contato com o público? E o que isso implica no fazer teatral contemporâneo?

Em continuidade as produções do *ÁQIS – Núcleo de Pesquisa sobre Processos de Criação Artística* que consiste na denominação atual de nosso grupo de pesquisa. Foram realizadas comunicações referentes ao subprojeto de cada um, no Seminário de Estudos Teatrais realizado nos dias 08 e 09 de julho e que contou com a participação de outros pesquisadores e bolsistas de iniciação científica que também comunicaram seus trabalhos de pesquisa. O evento ocasionou importante troca entre pesquisadores e bolsistas da área teatral.

Um questionamento surgiu neste seminário referente à escolha das regiões as quais foram realizadas as entrevistas suscitando que a realidade em outras regiões mais ao norte do país são contrastantes ao modelo e conceito que estamos buscando delinear em nossa pesquisa. Esse questionamento não foi motivo de surpresa, uma vez que, o grupo estava ciente das possíveis diferenças de realidade grupais no país e, no entanto, vimos a confirmar que o motivo maior da não abrangência a essas regiões seria o fator financeiro do qual dispomos. Esperamos que o projeto se fortaleça e consiga maiores

<sup>1</sup>Subprojeto do Projeto de Pesquisa Teatro de Grupo e a Construção de Modelos de Trabalho do Ator

<sup>2</sup>Orientador – Professor do Departamento de Artes Cênicas – CEART/UEDESC

<sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Artes Cênicas – CEART/UEDESC, bolsista de iniciação científica do PIBIC/CNPq

recursos para que possamos melhor abarcar nosso objeto de estudo, que seria mapear os fazeres grupais e a idéia de Teatro de Grupo no Brasil.

Em consonância com o Grupo de Pesquisa sobre Teatro de Grupo (TG) neste momento da pesquisa busco discutir o Teatro de Grupo e a busca do público, sob uma ótica da proposição dos grupos sobre seu público. A tentativa deste subprojeto é apontar possíveis diferenças e semelhanças entre os grupos de TG com relação às propostas de seus trabalhos referente ao público, ou seja, como esses grupos pensam seu público e a partir deste, suas concepções artísticas para tal. O questionamento em torno do público no teatro emergiu com meu ingresso no grupo de pesquisa e desde então busco um aprimoramento de questões que serão tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A proposta para meu Trabalho de Conclusão de Curso seria fazer uma análise com a realidade encontrada nas saídas de campo, e assim poder discernir sobre como o Teatro de Grupo busca seu contato com o espectador. Que estratégias tais grupos se predispõem para o contato com o público? O objetivo é delinear essas estratégias em contraponto ao discurso e posição dos grupos sobre o espectador. Reiterando que os princípios do fazer teatral proposto pelo Teatro de Grupo se diferenciam de outro modo de fazer teatro, que seria o Teatro de elenco, comercial ou outro termo que indique Grupos que se formam especificamente para determinada produção teatral. Nestas duas formações grupais a posição sobre o público é divergente. Este é um dos pontos os quais pretendo confrontar com os dados obtidos nas saídas de campo e nas entrevistas realizadas com os grupos, que foram transcritas e conforme dito anteriormente publicadas no mês corrente.

Haja vista a grande quantidade de grupos entrevistados no processo da pesquisa, eleger alguns grupos seria mais viável dentro do prazo para a conclusão do TCC. Pretendo eleger tais grupos segundo estratégias gerais e fatores, observadas a priori, que se sobressaíam no que diz respeito à proposição dos grupos sobre o público, na tentativa de estabelecer conexões entre os grupos por diferenças e/ou semelhanças estratégicas. O objetivo seria analisar no máximo 3 grupos estabelecidos a partir deste critério e a priori o título de meu TCC seria *TEATRO DE GRUPO: Três olhares, três impactos sobre o público*.

Após a experiência no Seminário de Estudos Teatrais ocorrido em Blumenau, organizamos o seminário de pesquisa sobre teatro de grupo *Teatro da Vertigem – Processos Contemporâneos*. O evento contou com a presença de Antônio Araújo, diretor do *Teatro da Vertigem* e professor da ECA/EAD – USP. Como atividades do

seminário tiveram palestras, mesa de comunicações de nós, bolsistas do grupo de pesquisa, exposição de imagens e textos, além da exibição de um vídeo com trechos dos espetáculos do grupo. A partir dessa temática e em consonância com meu projeto específico sobre o público vide abaixo a comunicação que apresentei neste seminário:

### **Vertigem: o público convidado a se ver**

O grupo Teatro da Vertigem, como sugere o nome, parece propor um teatro no qual se estabelece um jogo com o espectador que o desloca de sua condição confortável e cotidiana. Segundo o grupo, uma de suas propostas é justamente pesquisar os processos de interferências na percepção do espectador. Seus trabalhos colocam o espectador em uma posição desconfortável; tocam o espectador no seu lado mais desconhecido, o fazem questionar a si mesmo, no mundo.

A observação de Baktin sobre a posição contemplativa do espectador reafirma essa idéia:

*Na vida, depois de vermos a nós mesmos pelos olhos de outro, sempre regressamos a nós mesmos; e o conhecimento último, aquele que parece-nos resumir o todo, realiza-se sempre nas categorias de nossa própria vida (BAKTIN, 1992 p. 37).*

Mas o que isso implica na relação teatro e sociedade, ou melhor, que impacto sobre o público os espetáculos da Companhia proporcionam? São questões difíceis de responder se levarmos em conta o caráter psicológico - individual do espectador -, entretanto, se considerarmos a dimensão social se torna possível delinear algumas conjecturas.

Pode-se dizer que a preocupação social e o potencial pedagógico do teatro dialogam significativamente com o que o grupo vem realizando em suas experiências. Deve-se considerar que a arte teatral é em si uma experiência pedagógica e transformadora, ou ainda, compreender o valor pedagógico inerente à experiência proposta ao espectador teatral.

O jornalista Valmir Santos do Jornal Folha de São Paulo afirma que:

*Depois de cruzar os anos 90 com pesquisas e realizações em torno do sagrado, com a Trilogia Bíblica, o Vertigem parece determinado a ampliar o horizonte sociológico que já despontava no último espetáculo, impregnado de cenas realistas sobre o cotidiano violento de São Paulo. (SANTOS, 2004).*

Isto, entre outras referências, nos permite pensar que o Teatro da Vertigem parece ser um grupo que tem em sua poética uma expressão em consonância com o ambiente social vigente.

Bertolt Brecht ao formular seus objetivos artísticos e realizar suas produções cênicas propôs uma encenação que, conforme afirma Flávio Desgranges, projeta para o mundo suas propostas e reflexões acerca da arte teatral:

*Seu teatro se propunha a negar esse sistema econômico que - a seu ver, fortemente influenciado pelos escritos de Marx -, alienado, afasta o indivíduo de si mesmo, já que o trabalho proposto ao ser humano nesse modo de produção força-o invariavelmente a estar dissociado de seus ideais mais nobres, negando sua potencialidade criativa e produtiva. (2006).*

A relação que o Vertigem busca estabelecer com o público explicita que o grupo trata de fazer um teatro que busca revelar o social. A ênfase no trabalho sobre a percepção, sensação e sentidos mostra uma preocupação do grupo em retomar certas “conexões” humanas que, atualmente, podem estar veladas diante da dinâmica social/urbana. Antônio Araújo diz: “Nós queremos que as pessoas refaçam nossa viagem, sintam o que sentimos”.

Nesse sentido, é interessante observar alguns depoimentos de espectadores que assistiram espetáculos do Vertigem:

*Eu diria que a primeira palavra que me vem a cabeça quando lembro é êxtase... aquela sensação que você fica com cara de... nossa, o que foi isso (Eduardo, estudante de Lingüística USP)*

*Os cheiros, o frio, o vento, e para alguns até mesmo o sabor misturam-se às imagens e sons, fazendo do espetáculo uma emocionante e inesquecível experiência sensorial por mais de 4 Km pela veia suja da cidade. E o rio, que em um primeiro momento é visto como um imenso esgoto a céu aberto, depois é percebido como um rio, doente, mas ainda sim um rio. É este cenário insólito não é pura "firulice" gratuita: o rio é quem conduz o espetáculo, é a trajetória dos personagens, é o tempo, a sujeira e a instabilidade do caminho. É o protagonista e o vilão. Espetáculo brilhante, fascinante e obrigatório. (Maurício Alcântara, São Paulo)*

*Assisti Apocalipse, os atores são muito bons...impressionante e angustiante cenas pesadas! Adorei. (Raquel Ildefonso, São Paulo)*

*Quando assisti Apocalipse e Livro de Jó morava na cidade de Araraquara, perto de Ribeirão Preto, e estávamos montando algo alternativo. E foi o meu primeiro contato com teatro fora do palco italiano e rua. O que eu senti? Uma sensação que talvez foge de explicação. Estar próximo dos atores, sentir sua respiração, seu cheiro, sua energia tão próxima, sentir a veia pulsando. Me senti na situação como se tudo aquilo fosse real (e talvez fosse) e eu mais um participante. Quebra o paradigma do lugar sagrado do ator, o palco a demarcação na rua, tudo é um só, o público faz parte do espetáculo, do contexto, e toda esta sensação é fora do comum, ninguém hoje em dia entra num presídio ou num hospital e vivencia aquilo. Isso causa gostinho de querer mais. Sei que onde eles nos levar será uma situação incomum, sensação incomum. depois desta experiência sinto o palco muito distante do público e optei agora por atuar no sagrado de cada pessoa, então não vejo motivo de estar fora. (Maurício Coronado Jr, São Paulo)*

A aproximação entre as propostas do Teatro da Vertigem e Brecht se deve ao caráter desafiador que ambas propõe ao espectador; enfrentando a alienação, que afasta o indivíduo de si mesmo. Para o Vertigem o que provocaria alienação seria, além da inevitável estrutura capitalista, o enfraquecimento dos laços sociais diante dessa estrutura. Estes laços sociais nos aproximariam de nossa natureza humana. O Vertigem parece propor, portanto, uma discussão sobre o que está ocorrendo com nossas relações frente ao mundo contemporâneo, pois, um dos problemas que as pessoas têm com relação à percepção nos dias de hoje é o simples ato de ouvir; ouvir o outro e ouvir a si mesmo. Vivemos os dias num ritmo veloz e incessante de fatos e não percebemos coisas simples como o estar vivo e o outro.

Diante disso, ao refletir sobre o que o Vertigem propõe ao espectador, noto que a proposta do grupo em trabalhar sensações e percepções pode ser entendida a partir da identificação da atrofia perceptiva e sensitiva que o cotidiano produz. Matheus Nachtergaele, que já foi ator do Vertigem, reafirma essa idéia quando diz: “Nós queremos ser o homem que nós prometemos, queremos partilhar do sagrado que intuímos e domar a fera que ainda nos guia. E o Vertigem é nosso aliado” (2004).

Esta comunicação tratou de forma sintética o tema a ser discutido em meu Trabalho de Conclusão de Curso, conformando, portanto um exercício de reflexão para a fundamentação do conhecimento a ser explorado.

Como bolsista IC, ser colaboradora deste projeto de pesquisa tem trazido importante experiência em minha trajetória acadêmica, além de ajudar a refletir sobre o compromisso que a pesquisa deve ter para com nosso país, além de trazer significativas reflexões sobre o contexto em que se encontra o Teatro Brasileiro.

#### Referências

- DESGRANGES, Flávio Augusto. *Pedagogia do Teatro: Provocação e Dialogismo*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- DESGRANGES, Flávio Augusto. *Pedagogia do Espectador*. São Paulo: Hucitec, 2003.
- NACHTERGAELE, Matheus. *Artigo: A zona terrível da ausência de Deus*. Especial para a Folha, 2002. Acessado em: 15/08/07.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992;